

FALAR VERDADE A MENTIR

Almeida Garrett



Representada, a primeira vez, em Lisboa, no teatro de Tália, pela sociedade particular do mesmo nome, em sete de Abril de MDCCCXLV.

Pessoas: Brás Ferreira; Amália; Duarte Guedes; General Lemos; Joaquina; José Félix. Um laçao. Um criado sem libré.

Lugar da cena – Lisboa

ACTO ÚNICO

Sala de visitas elegante. Porta ao fundo e laterais. À esquerda, mesa com escrivaninha, etc.

CENA I

JOAQUINA, JOSÉ FELIX

Joaquina – Entre, senhor José Félix, entre. Isto são umas madrugadas!... Para uma pessoa como o senhor José Félix, o criado particular de um fidalgo da corte! Lá por fora ainda mal são nove horas...

José Félix – Nove horas... e fidalgo da corte!... Recolha o seu espírito, senhora D. Joaquina. Meu amo é general, estamos de acordo; nove horas deram há muito. Mas cá em Lisboa contam-se as horas e os fidalgos por outro modo. Lá na província, minha querida Joaquina...

Joaquina – Ai, como tu estás tolo! A província, a província... Ora isto! Saiba que eu venho do Porto, senhor José Félix, que é a segunda capital do reino, e a cidade eterna, como dizem os periódicos. Província será a terra de você, que há-de ser a Lourinhã, ou a aldeia de Paio Pires, ou coisa que o valha. E então?...

José Félix – Basta, Joaquina, basta; recolhe o teu espírito, que já aqui não está quem falou. Soube ainda agora que tinham chegado ontem à noite no vapor, que estavam aqui nesta hospedaria, que é pegada quase com a nossa casa; e vim logo, minha adorada Joaquina, reclamar o prémio de onze meses de eternas saudades.

Joaquina – E você, vamos a saber, você tem sido constante, fiel?...

José Félix – Horrivelmente fiel! Maldição, Joaquina, maldição!...

Joaquina – Que diz ele?...

José Félix – Se tu vens da!... da província não. Não, Joaquina, tu não vens da província, vens da cidade eterna... Virás. Maldição eterna sobre quem o duvidar! Mas vens, vens donde ainda se não sabe a língua das românticas paixões, dos sentimentos copiados do nu da natureza como nós cá a temos na Rua dos Condes, e nos folhetins das folhas públicas, que são o órgão da opinião incomensurável dos séculos.

Joaquina – Se te eu entendo...

José Félix – Ah! tu não entendes? Bem, Joaquina, bem. Nem eu: nem ninguém. Por isso mesmo, Joaquina. A moda é esta. Deixa: em tu estando aqui oito dias, ficarás mais perfeita do que eu; porque a tua alma de mulher é feita para compreender o meu coração de homem. E então, vês tu? Oh Joaquina, anjo, mulher, sopro, silfo, demónio! eu amo-te! amo-te, porque...

Joaquina – Cruzes!

José Félix – Não me interrompas, não me interrompas, deixa ir. Silfo, anjo, sopro, mulher! amo-te porque o meu coração está em brasa, e tenho umas veias, e estas veias... têm umas artérias... e estas artérias têm... não têm... as artérias não têm nada; mas batem, batem como os sinos que dobram pelo finado na hora do passamento, que é morrer, morrer, morrer... oh Joaquina, morrer! E que é a morte? É a vida que cai nos abismos estrepitosos da eternidade, que é, que é...

Joaquina – Isso é comédia, ou tu estás a mangar comigo?

José Félix – Isto é o drama das paixões, que o sentimento, a verdade...

Joaquina – Pois olha: tinha uma coisa muito séria que te dizer mas como tu estás doido, adeus!

José Félix – A poesia da vida é esta, Joaquina. Mas... mas passemos à vil prosa dos interesses materiais do país, se é preciso. Vá. Far-te-ei mais esse sacrifício. Que exiges tu de mim?

Joaquina – Que deixes essas patéticas agora e oiças. Meu amo, o senhor Brás Ferreira, que é um ricoço como tu sabes, um daqueles negociantes do Porto que têm dinheiro como milho, vem de propósito a Lisboa para casar a menina. É uma filha única, e morre por mim, coitada! É um anjo! Prometeu-me que no dia que se assinassem as escrituras tinha eu o meu dote.

José Félix – Dote! Céus! um dote... Oh Joaquina, pois tu tens um dote?... Não quero saber de quanto. Quem eu! Maldição sobre mim!

Joaquina – Cem moedas.

José Félix – Oh! seja o que for, que me importa? O amor, o amor verdadeiro não conta os pintos do objecto amado... Não... E é em dinheiro de contado, sonante, Joaquina?

Joaquina – Sim senhor.

José Félix – Melhor: porque bem vês, com a minha educação, um rapaz que emigrei, estive em Paris, e hoje sou criado particular de um general... habilitado para ser mordomo de um clube dos de primeira ordem – a Galocha já eu recusei – bem vês, não podia formar uma aliança que me não desse os meios

de sustentar a posição social em que me acho colocado. Mas tu tens dote; acabou-se. Recolho o meu espírito c estendo a minha mão.

Joaquina – Ai, José Félix! mas o casamento de minha ama ainda não está feito.

José Félix – Pois que há... que impedimentos?

Joaquina – Não sei... quando vínhamos no vapor, pareceu-me, vi que havia transtorno. O pai e a filha tiveram suas coisas a esse respeito. E a menina anda triste, desassossegada. Estou certa que há impedimento grande, há obstáculos...

José Félix – Obstáculos! Não há, não os pude haver. A minha paixão, a nossa felicidade, cem moedas sonantes, mil pintos c'os diabos! absolutamente não pode deixar de ser, há-de-se fazer este casamento, Joaquina... A honra, a delicadeza, tudo lhe ordena, senhora Joaquina, que vá já desenganar o papá. E se é preciso que eu tome parte na questão...

Joaquina – O caso era saber a gente o que é, e onde a coisa pega... Mas espere; olha, aí vem a senhora D. Amália: deixa-te tu estar e... Mas não vás tu fazer falta em casa a teu amo.

José Félix – Meu amo! Toma. Tu estás muito atrasada, Joaquina. Meu amo é um cavalheiro, um general, uma pessoa da primeira sociedade, portanto costumado a fazer esperar os outros, e a esperar ele pelos seus criados, que é a regra. Além disso, eu tenho licença por todo o dia, que houve lá uma coisa em casa... A senhora chorou, o senhor ralhou. Eu te contarei noutra ocasião, que hás-de rir. O caso é que hoje tenho o dia por meu. Ela aí vem, a tua ama. Vem triste, coitada! Firme, Joaquina! Olha que a coisa é séria para ti, um dote e um marido!

CENA II

Ditos e AMÁLIA

Amália – Joaquina! Joaquina! ando à tua procura. O senhor Duarte ainda não veio?

Joaquina – Não, minha senhora.

Amália – Que homem é esse com quem tu estavas a falar?

José Félix – Anda, apresenta-me como gente.

Joaquina – Minha senhora, é aquele rapaz de quem lhe eu dizia no Porto...

Amália – Ah! já sei: o senhor José Félix. Tens bom gosto, Joaquina. O pior é que vocês não têm de casar senão quando o meu casamento se fizer, tenho muito medo que ainda esperem bem tempo.

Joaquina – Então porquê, minha senhora?

Amália – Ora! estou desesperada, transtornou-se tudo: meu pai quer quebrar com ele.

Joaquina – Com o senhor Duarte?

Amália – Sim: pois com quem?

José Félix, *aparte* – Meu Deus! e as nossas cem moedas?

Joaquina – Não é possível: a mesma família, a mesma riqueza, um casamento tão igual, tão acertado... Seu pai não se há-de atrever.

Amália – Nada, não! Veio a Lisboa – agora é que o eu sei bem – só para achar pretexto de o desmanchar.

Joaquina – Pois não o há-de achar. O senhor Duarte é um rapaz como há poucos. Juízo não lhe falta: suas doidices... não é, é pancada da mocidade. Isso passa depressa. Bom coração... não o há melhor. Quer a senhora saber? O mal que ele faz é por moda... todos assim são... e o bem que ele faz, que é muito, esse, minha senhora, não é moda que pegue.

Amália – Pois sim; mas já que falamos nos seus defeitos, sempre te digo que ele que tem um, que se meu pai o vem a descobrir... Tenho-lho encoberto até agora, mas se ele o chega a conhecer, acabou-se, nunca mais lhe perdoa. Meu pai é um negociante dos antigos, que leva a honra e probidade, a lisura e a verdade no trato, a um ponto de severidade que é quase rudeza... e Duarte é muito bom rapaz, não há dúvida; mas não sei se é distração se é doidice, tomou o costume de nunca dizer uma palavra que seja verdade.

José Félix – Percebo: tem viajado muito...

Joaquina – Não, mas é morgado, e de raça quase castelhana...

José Félix – Entendo, entendo: *echelas usted más blandas*.

Joaquina – E de mais a mais, há seis meses que está em Lisboa...

José Félix – Onde todos os talentos se aperfeiçoam.

Amália – Enfim, meu pai declarou que à primeira mentira bem clara, bem provada em que o apanhasse, tudo estava acabado.

José Félix – Ora adeus! O senhor seu pai com efeito... ele ainda é parente, bem se vê, há-de ter sua costela espanhola... O seu projecto é outra espanholada também... Querer impedir que um rapaz do tom, da moda pregue a sua petala!... isso é mais do que formar castelos em Espanha, é querer meter o Rossio pela Betesga.

Amália – Meu pai é que o não entende assim: e eu não sei como hei-de avisar a Duarte.

Joaquina – Vou eu pôr-me à espera dele. Não tarda a vir por aí; e antes que entre e que fale com seu pai, hei-de avisá-lo que tome conta em si, e que não dê notícias senão as que forem oficiais... a ser possível.

Amália – Cala-te: oiço falar no quarto de meu pai; é a voz de Duarte.

Joaquina – É que entrou pela outra escada.

Amália – Está tudo perdido! Se ele falou com meu pai... aposto que já... Nunca vi: é que não pode, mente por hábito e sem saber o que faz.

Joaquina – Então agora o que se podia... o que era de mestre, era fazer que o senhor Brás Ferreira o não conhecesse. Por fim de contas, a nós que nos importa que ele minta, contanto que seu pai o não perceba?

José Félix – Ela tem razão, a Joaquina. E é mais fácil isso. Se a senhora D. Amália se confia em mim, e me autoriza...

Amália – Oh meu Deus! Se vocês encobrem aquele defeito a meu pai, fico-lhes numa obrigação... Depois em nós casando, eu o emendarei. Que se não fosse isso...

José Félix – Está claro, minha senhora. Mas agora é preciso que o senhor Duarte me não veja. E u é que se pudesse ouvi-lo, e fazer assim ideia do seu modo...

Joaquina, *apontando para uma alcova, à direita* – Ora!... aquela alcova... e tem uma porta que dá direita na escada... Eles aí vêm: entra depressa, esconde-te.

CENA III

JOAQUINA, AMÁLIA, BRÁS FERREIRA, DUARTE

Brás Ferreira – Agora essa é demais!... Cem mil cruzados de renda!

Duarte – Pois é tal e qual como lho digo... uma senhora brasileira – marquesa, que é o menos que lá há; a marquesa de Paraguaçu. Engenhos de açúcar a moer, trezentos e seis; pretos... entre pretos, mulatos, cabras e cabritos, é uma conta que mete medo; sem falar em cajus, bananas, farinha-de-pau, papagaios e periquitos, que isso anda a rodo pela casa – pois a mesma em pessoa é que me pediu, a mim.

Brás Ferreira – Uma marquesa deveras!

Duarte – Marquesa deveras. E eu recusei: escuso de dizer porquê... (*olhando para Amália.*)

Brás Ferreira – E que caminho levou essa fidalga? Tomara vê-la.

Duarte – Vê-la, coitada! Apenas lhe dei o fatal desengano, saiu daqui no primeiro navio para Pernambuco, de Pernambuco à Baía, da Baía para Niterói, de Niterói – que desgraça! – passava para o Rio de Janeiro naquele vapor que arreventou... morreu escaldada a pobre da marquesa.

Brás Ferreira – Que pena!

Joaquina, *aparte* – Que fortuna!

Brás Ferreira – Se ela vivesse, queria saber...

Joaquina, *aparte* – Por isso Deus a levou: ainda bem!

Brás Ferreira – Sempre lhe acontecem coisas a este rapaz!

Duarte – Ainda isto não é nada. – Mas deixa-me falar com esta querida Amália. Que gosto que eu tenho de a tornar a ver! Mas chegou ontem, e não me manda dizer nada! Se eu tal soubesse, não tinha ido a S. Carlos, onde me sucedeu, contudo, uma aventura, à saída do teatro... Queriam roubar esta prima-dona que chegou há pouco... roubá-la... levá-la a ela numa sege... Acudo eu, duas bengaladas no boleeiro, deito a mão ao cavalo das varas, o da boleia espanta-se, quebra os tirantes, foge... os meliantes fogem também e... Mas que é isso, que tem? Que tristeza é essa? Então não sabe que seu pai consente enfim em nos unir hoje? hoje mesmo!...

Amália – É possível!

Duarte – Sim, deu-me a sua palavra que esta noite, depois de jantar, se assinavam as escrituras; mas com uma condição somente que me não quis dizer qual era. Disse-lha, não disse?

Amália – Disse, Duarte, disse; e bem medo tenho que já não esteja no seu poder cumpri-la.

Brás Ferreira – Pelo menos há-de-lhe custar, me parece. Mas quero ser justo, e não hei-de condenar sem provas. Por desgraça estou bem persuadido que te não hás-de ver aflito por me dares quantas eu queira daqui até à noite.

Duarte – O que a mim me parece é que no Porto deram em falar por enigmas, porque eu não entendo nada. Mas seja o que for: o que eu entendo bem é o amor que lhe tenho, Amália, a afeição tão verdadeira que me inspirou, e que me persuado merecer-lhe também. Estou tão contente de a ver... Separados há seis meses!

Brás Ferreira – Queira Deus que tu tenhas aproveitado este tempo, que adquirisses amigos, boas relações, protectores. Nas tuas cartas nunca me falavas no general Lemos, o melhor amigo de teu pai. Dar-se-á caso que o não fosses visitar ou que deixasses de frequentar uma casa que?...

Duarte – Ao contrário, vou lá todos os dias. É a casa mais agradável de Lisboa: uma senhora extremamente amável... O outro dia compus eu uma modinha para ela... uma letra que não ficou feia... hoje tinha ficado de lhe ir levar a música.

Joaquina, a *Amália* – Jesus! que medo que eu tenho! José Félix, que está em casa do general, tinha-mo dito decerto, se fosse verdade.

Duarte – O meu general, coitado! o meu santo general Lemos tem-me obsequiado e tem-me feito serviços... interessou-se por mim de uma maneira... O caso é que hoje tenho eu à minha disposição, para escolher, três lugares de primeira ordem, recebedor-geral em Évora, Santarém...

Brás Ferreira – Escolho eu: Santarém. E vamos já, já daqui sem demora a casa do general.

Duarte – Ora! ainda agora chegou, se pode dizer, e há-de ir já tratar de negócios! Não senhor, cuidemos dos divertimentos primeiro. Quero eu fazer as honras da capital a esta senhora. Há hoje benefício em S. Carlos, toca o Liszt: mandei-lhe tomar uma frisa. Depois vamos ao baile do clube: temos quantos bilhetes quiserem; eu sou director.

Brás Ferreira – Tu és director, tu!

Duarte – É verdade: eleito por duzentos votos.

Brás Ferreira – Duzentos votos! pois quantos sócios tem o clube?

Duarte – Duzentos e um. Não perdi senão um voto; e mais foi cá por certa coisa que eu sei. – É verdade, e como se arranjam neste hotel? É o melhor de Lisboa. Os quartos não são grandes, não... Mas eu moro nos outros de cima, e então... foi egoísmo da minha parte...

Brás Ferreira – A falar a verdade, eu gostava mais do Cais do Sodré.

Duarte – Ora se eu tal soubesse, mandava arranjar um quarto da minha casa que é mesmo no fim da Rua do Alecrim. Amália – A sua casa!

Brás Ferreira – Pois tu tens uma casa em Lisboa?

Duarte – E que me não custou cara. Assinei por trezentos contos na Companhia-monstro, vendi, ganhei dez por cento sem desembolsar cinco réis... bagatela! trinta contos de réis: não sabia o que lhe havia de fazer, comprei aquela casa.

Brás Ferreira – Com a breca! é fortuna.

Duarte – Uma casa linda, nova; saída por três ruas – e tenho quase tudo alugado: – tudo, ainda assim! menos o segundo andar que é o melhor, e para onde podiam ir se eu soubesse. Mas enfim, sempre era um segundo andar.

Brás Ferreira – Que me importa! Os segundos andares em Lisboa é o mais habitável das casas. Vou para lá morar eu para a tal casa.

Duarte – Que pena que eu tenho! Se tal adivinhasse, não a tinha vendido ontem.

Brás Ferreira – Pois já a vendeste?

Duarte – É verdade, trinta e três contos: e ainda ganhei... uma bagatela é certo, mas sempre é melhor que perder. E havia seus consertos, suas despesas que fazer.

Brás Ferreira – Consertos numa casa nova?

Duarte – Eu lhe digo: é que as águas-furtadas tinham sido feitas de empreitada, e bem sabe... Enfim vendi e não fiz mal. Trinta e três contos é mais certo, e não paga impostos e tal...

Brás Ferreira – E o comprador é pessoa segura?

Duarte – Oh! seguríssima. Um homem de uma fortuna imensa, um negociante retirado, Tomás José Marques... há-de conhecer...

Brás Ferreira – Não conheço: admira-me.

Duarte – Tem estado quase sempre no Brasil e em Inglaterra, veio-se estabelecer aqui agora. Compra tudo quanto aparece em bens de raiz. Esta manhã ficou ele de me trazer aqui o dinheiro. Não me dá cuidado nenhum.

Joaquina, *aparte* – Nem a mim.

Amália, *baixo a Joaquina* – Ai, Joaquina, que esta parece-me que é...

Joaquina, *baixo a Amália* – Também a mim.

CENA IV

Ditos e um criado da hospedaria

Criado, *trazendo uma carta*. – Para o senhor Brás Ferreira, do Porto.

Brás Ferreira – Sou eu: dá cá. (*abre*) Ah! é para o tal pagamento. (*O criado sai.*) Vejamos as minhas contas: quanto tenho eu em dinheiro?... Dá-me licença, Duarte; tenho uns papéis que arranjar. Conversa com minha filha. (*Tira a sua carteira, e vai sentar-se à esquerda.*)

Amália, *baixo a Duarte* – Não se emenda, está visto.

Duarte – De a adorar? não decerto.

Amália – Não é disso, é do seu maldito vício que nos deita a perder: meu pai jurou que desfazia o nosso casamento se daqui até à noite o apanhasse numa mentira.

Duarte – Oh meu Deus, o que fiz eu!

Amália – Pois que é, Duarte? Tudo quanto tem estado a dizer?...

Duarte – É verdade no fundo; acredite: agora os detalhes... os pormenores... eu não sei como isto é... não é com má tenção... mas a maior parte das vezes, as coisas contadas tais quais como elas são... ficam duma sensaboria tal...

Amália, com ironia – Que não pode resistir ao desejo de as enfeitar, e de mostrar a riqueza da sua imaginação.

Duarte – Não torno mais. Juro-lhe que nunca mais.

Amália – Cale-se, que pode ouvir meu pai.

Duarte – Não me importa, não tenho medo: estou emendado e para sempre. Amália, prometo, hei-de ser o modelo dos maridos, leal, sincero, verdadeiro, sempre...

Amália – Sempre! Se meu pai ouvisse essa palavra, desfazia logo o nosso casamento.

Duarte – Amália, isso também é de mais!...

Brás Ferreira, *chegando com um papel* – Não tenho dinheiro que chegue. E eu sem me lembrar! Duarte, hás-de-me fazer um favor.

Duarte – Qual? Estou pronto.

Brás Ferreira – Uma letra de três contos de réis para descontar.

Duarte – Em bem má ocasião, co'a fortuna! não tenho um pinto.

Brás Ferreira – Não tens!... e aquele dinheiro?

Duarte – Qual dinheiro?

Brás Ferreira – O da tua casa.

Duarte – Da minha casa?... Ah sim, é verdade. É que actualmente...

Brás Ferreira – Já dispuseste dele?

Duarte – Não, não, isto é, de certo modo já; mas propriamente...

Amália, baixo a Duarte – Vê o que é mentir.

Duarte – Em suma, porque lhe não hei-de dizer francamente o que é, meu tio?... Eu tinha minhas dívidas...

Amália – Outra, Duarte?

Duarte – Não, esta não; é verdade puríssima. Um rapaz não pode viver sem isso. Ora sucedeu, por uma coincidência esquisita, que o comprador da minha casa, o tal senhor José Marques...

Brás Ferreira – Ainda agora disseste Tomás...

Duarte – Tomás José Marques, um lino agiota de gema...

Brás Ferreira – Tinhas-me dito um negociante...

Duarte – Negociante, porque negoceia em papéis e descontos por atacado, e faz usura em grosso. Enfim, o meu honradíssimo homem, que já é comendador e sai conselheiro um dia destes, era o que me tinha emprestado o dinheiro. De sorte que na compra da casa, feitas bem as contas...

Brás Ferreira – E tu devias ao comprador?

Duarte – Uns dez a doze contos de réis.

Brás Ferreira – Então vendeste por trinta e três; tem de te dar ainda de tornas vinte e um contos.

Duarte, atrapalhado – Vinte contos de réis... É o que lhe eu dizia... (*aparte*) Como hei-de eu sair desta?

Brás Ferreira, olhando para ele – Dar-se-á caso que tu me pregasses uma das tuas?... que tal comprador não exista?...

CENA V

Ditos, JOSÉ FÉLIX, *disfarçado em negociante velho*, JOAQUINA

Joaquina – O senhor Tomás José Marques.

Duarte, *pasmado* – O senhor!...

Brás Ferreira, *idem* – Como?

José Félix, a Duarte – Peço-lhe desculpa, meu caro senhor Duarte, de o perseguir assim pelas casas alheias; mas a obrigação, como lá dizem, está primeiro que a devoção. E aqui, parece-me que todos parentes os senhores, não quer dizer nada... O senhor seu pai, creio eu?... E estas senhoras, suas

manas? Tenho a honra de as cumprimentar. Custa-me vir importuná-lo... mas são duas palavras, e já me retiro.

Duarte, *aparte* – Que história será esta?

Amália – Estes senhores querem tratar dos seus negócios... Meu pai dá licença, eu retiro-me.

Duarte – Para quê?... Eu por mim, não tenho segredos nenhuns...

José Félix – A falar a verdade, para uma senhora não é divertido ouvir tratar de títulos, registos, termos de posse, escrituras... ainda se fossem de casamento – vá, tem a gente paciência, recolhe o seu espírito, e...

Brás Ferreira – Vai, minha filha, vai: nós não tardamos também.

CENA VI

Ditos, menos AMÁLIA

José Félix – Então, meu caro senhor! eu venho acabar com isto: fazemos ou não fazemos o negócio da sua casa?

Duarte, *admirado* – Da minha casa?

José Félix – Da sua casa... ainda assim! da que vossa senhoria vendeu e eu comprei: não se trata senão de entrar de posse... É verdade: que cabeça a minha! Muitos recados da senhora D. Jacinta Marques, minha mulher, uma criado de vossa senhoria. Já me ia esquecendo. É que eu, em se tratando de negócios, a respeito de tudo o mais recolho o meu espírito.

Duarte – Ah! então o senhor vem... (*a Brás*) A mim sempre me sucedem coisas! Esta é a mais extraordinária...

Brás Ferreira – Que lhe achas tu extraordinário? Vendeste a casa...

Duarte – Está claro... pois isso não é o que me admira. Mas se o tio soubesse!...

José Félix – O contrato não está assinado, mas é como se o fosse. Oh! bem entendido: décima e impostos anexos, por este ano ainda lhe pertence a vossa senhoria pagá-los.

Duarte – Esta agora é melhor! Não me faltava mais nada. Com que eu hei-de pagar?... eu! a décima da tal dita casa que... que vendi ao senhor... senhor...

José Félix – Tomás José Marques, um criado de vossa senhoria. – Pois, meu senhor, é como se tudo tivesse assinaturas e sinais em público e raso. Eu sou homem de dizer e fazer. E o dinheiro está pronto; quando quiser...

Duarte, *aparte* – É uma pulha de entrudo; está visto. Mas deixa, que eu já te apanho. (*alto*) Então como o dinheiro está pronto, meu caro senhor Tomás José Marques, o dito dito, faz favor de mo entregar...

José Félix – Essa é boa! certamente. (*Procurando nas algibeiras, donde, por fim, tira a caixa do tabaco.*) Assinado o contrato, e certidão tirada do registo das hipotecas...

Brás Ferreira – Tem razão.

José Félix – Além disso, o senhor Duarte bem sabe, aquelas continhas velhas... não lhe venho a restar senão...

Duarte, *aparte* – Não sei como se pode mentir com aquele desembaraço...

José Félix – E já está em poder do tabelião o saldo...

Duarte – Pois é pena! tinha vontade de ver as cruzes ao seu dinheiro, senhor Marques... E por causa deste senhor meu sogro, mais por outras razões particulares... se me pudesse dar aqui já algum ao menos... (*aparte*) tinha mais graça a mangação.

José Félix – Faço ideia: na sua posição, há-de-lhe ser preciso realizar... ainda que não seja senão para as suas fianças.

Duarte – As minhas fianças!

José Félix – Então! a recebedoria-geral de Santarém.

Brás Ferreira – O quê? pois ele será verdade?... O que tu me disseste ainda agora dum emprego?...

José Félix – O decreto está assinado: não há ninguém que o não saiba... O general Lemos tem uma influência com os ministros... Ainda esta manhã estive com ele. É um belo sujeito o general... e olhe que é seu amigo, senhor Duarte, seu amigo deveras. E então a senhora D. Matilde, a mulher do general? não falemos nisso. É verdade: tenho que ralhar com vossa senhoria da sua parte. Isso não é bonito; prometeu. deve Cumprir. Aquela música, não se lembra? para aquela modinha, que lhe fez a letra – e que há-de ser linda... mas não há música onde caiba.

Duarte, *aparte* – Irra! isto já é descoco demais... é já muita caçoada junta. (*alto*) Oh lá, senhor... sabe que mais?...

José Félix – Aos pés de vossa senhoria. senhor recebedor-geral. – Um lugar magnífico! verdadeiramente dos rendosos e pouco trabalhosos! – Com um poucachinho de jeito e de *savoir-faire* – quaisquer boas relações no tesouro, um amigo seguro nas companhias-monstros... pode-se andar muito caminho em pouco tempo. Hão-de gritar – é o costume – hão-de gritar: o recebedor-geral para aqui, o recebedor-geral para acolá!... Deixá-los gritar: ri-se a gente, e

vai arranjando a sua vida. A minha regra, a minha regra, que é: em ouvindo tolices, recolho o meu espírito. E com isto não enfado mais. Criado e fiel cativo... (*Vai-se.*)

CENA VII

DUARTE, BRÁS FERREIRA, JOAQUINA

Duarte – Com efeito sempre é o maior falador!

Brás Ferreira – Tenho que te pedir perdão, meu Duarte: confesso-te que tinha desconfiado, estava em dúvida...

Duarte – O quê! pois meu tio?...

Brás Ferreira – Mas acabou-se, com isto acabou-se. Vamos já imediatamente a casa do general, e apresenta-me como teu sogro: quero-lhe agradecer.

Joaquina, *aparte* – Está perdido!

Duarte, *atrapalhado* – Hoje é... domingo... hoje está ele da outra banda na sua quinta da Lameda. É um sítio delicioso a Lameda, à borda do Tejo, uma vista, uns ares... Vamos lá, uma, duas vezes na semana: Sempre lhe digo, senhor Brás, que há ali um bilhar em que eu tenho feito as bolas mais espantosas... O outro dia carambolei... eu lhe digo como: a negra estava...

Brás Ferreira – Sim, sim; mas não é hoje que o general há-de jogar no tal bilhar, porque ainda agora este Tomás José Marques me disse que tinha estado com ele esta manhã. Assim, como eu não estou para ir só, vamos.

Duarte – Amanhã, cada vez que quiser; mas hoje é-me impossível.

Brás Ferreira – Então porquê?

Duarte – Tenho uns amigos à minha espera esta manhã – um pequeno-almoço de rapazes... mas contamos com o meu caro sogro.

Brás Ferreira – Eu não posso: prometi de ir almoçar com o barão da Granja.

Duarte – Ai está! E eu que tinha mandado fazer um almoço magnífico, um verdadeiro *ambigu*. Champanhe, já se sabe. Um cerceal da Madeira que bate quantos *hocs e johannisbergs* tem o Reno; – torta de camarões e ostras, e dois faisões que me chegaram ontem de Inglaterra pelo vapor, coisa preciosa! (*Joaquina parece tomar sentido na lista dos pratos.*)

Brás Ferreira – Ora vá – pois seja... Mas ainda não são senão dez horas: o teu almoço há-de ser como o meu, para o meio-dia: e daqui lá, temos tempo de sobejo para ir a casa do general. Assim, anda, vem... Então que é isso?

Duarte, *aparte* – Está teimoso com a tal visita.

Joaquina, *aparte* – O pobre rapaz não sabe com que santo se há-de pegar.

Brás Ferreira – Então! que tens tu? Que pasmaceira é essa? Não podes sair de casa por meia hora?

Duarte – Pois enfim, meu tio, já que não há outro remédio, vou-lhe dizer... já que lhe não posso ocultar o que eu tanto desejava... saiba que não posso sair de casa esta manhã nem um minuto. (*baixo*) Tenho um desafio, e estou à espera do meu adversário.

Brás Ferreira – Oh meu Deus!

Joaquina – Bem no dizia eu: aqui temos outra.

Brás Ferreira – E então aquele almoço que tu me dizias ainda agora?

Duarte – Lá está... lá está o almoço, posto lá, à espera... Um dos rapazes que aí vem almoçar é que me há-de servir de padrinho.

Brás Ferreira – Isso! outra cabeça doida como a tua: haviam de fazê-la bonita... Não senhor, toca-me a mim: eu é que hei-de arranjar esse negócio.

Duarte – Ora, não se meta nisto, deixe cá a gente. Pode comprometê-lo... nós somos rapazes, é outra coisa.

Brás Ferreira – Nada, nada! quero saber como isso é, como isso foi, senão adeus casamento.

Duarte, *aparte* – Que diacho de homem! (*alto*) E o seu almoço em casa do barão da Granja?...

Brás Ferreira – Importa-me cá almoço nem meio almoço! que espere o almoço. Trata-se da tua vida, da tua honra... Tu, filho do meu maior amigo, e agora meu filho, que és quase como se o fosses já! Vamos, fala, conta-me lá como isso foi, quero saber tudo por miúdo.

Duarte, *aparte* – É um homem capaz, por fim de contas, o meu sogro. (*alto*) Ora pois oiça, senhor Brás, e não tome estas coisas em ponto de admiração... é um caso como há tantos, um *mal-entendu*, uma brincadeira por fim.

Brás Ferreira – Não está má brincadeira! pôr em perigo a sua vida, a de um amigo! Assim é que vocês o entendem...

Duarte – Primeiro que tudo, é um inglês.

Brás Ferreira – É o mesmo... E para que hás-de ir tu logo às do cabo, logo com as mãos à cara?...

Duarte – Eu não lhe toquei.

Brás Ferreira – Ou com palavras?...

Duarte – Eu lhe digo como a coisa se passou. Fui ontem jantar fora, a Benfica... uma casa linda à beira da estrada... O dia estava belo, um dia de Verão. Depois de jantar viemos tomar café para um terraço delicioso que fica mesmo rente com a casa... É uma espécie de quiosque... uma lindeza! faça ideia... e pouco elevado do chão. A casa fez-se este ano, ainda lhe não puseram grades no terraço... repare bem nesta circunstância... note...

Brás Ferreira – Noto, noto, e faz-me estremecer. Querem ver que sucedeu alguma?

Duarte – Oiça. A dona da casa, senhora extremamente amável... e moça ainda... uns olhos pretos!... a dona da casa pergunta-me se quero mais açúcar... Eu tinha a xícara na mão, o café soberbo e a ferver... Eu entretido a olhar para a senhora e a dizer-lhe algumas coisas agradáveis... o tio bem sabe... não reparei na xícara que estava muito cheia a deitar por fora... e eu de sapatos... Sinto escaldar-se-me um pé de repente, dou um pulo à retaguarda, empurro um sujeito que estava por trás de mim... para a borda do terraço... e com a fortuna...

Brás Ferreira e Joaquina – E Jesus!

Duarte – Perigo nenhum!... cinco ou seis palmos de altura... Mas a desgraça foi que justamente nesse momento passava um oficial inglês da nau... viria de Sintra ou das Laranjeiras, mas vinha a pé... para um inglês é indiferente; e o meu sujeito cai-lhe mesmo em cima dos ombros.

Joaquina, rindo – Ah ah ah! Já não posso mais.

Brás Ferreira – Ó Joaquina, pois tu ris-te?...

Joaquina, contendo o riso – Oh! senhor, é que eu já não posso... não me pude conter.

Duarte – O mesmo sucedeu a toda a companhia. O inglês desesperado embirra comigo, teima que eu o fiz de propósito, que lhe atirei com o homem... Eu procuro acomodar a coisa; ofereço-lhe a desforra, dando-lhe até um primeiro andar de partido, isto é, que o atirem a ele do segundo sobre mim... Recusa tudo... não houve remédio senão dar-lhe a minha *adresse*; ele dá-me a sua... E *lord* Coockimbroock aí vem logo buscar-me com um par de pistolas.

Brás Ferreira, *abanando a cabeça* – Confesso-te que a tal história sempre me parece bem extraordinária... Mas não importa, eu não te largo, e quero ser teu padrinho.

Duarte, *aparte* – É cabeçudo ou não é? (*alto*) Mas, senhor Brás, eu faço escrúpulo de lhe pregar uma maçada... E se ele não vier?... Não era a primeira que sucedia. Há por aí sujeitinho que, ã mais pequena coisa, tem logo na boca:

'A sua *adresse?*' Cuidam que é para a gente lhe não escapar? Não senhor, é para se escaparem eles.

Brás Ferreira – Pois bem, se ele não vier, iremos nós ter com ele.

CENA VIII

Ditos, JOSÉ FÉLIX *de inglês*, um criado

Criado – Milord Coockimbroock!

Brás Ferreira, *espantado* – O quê?... pois deveras?...

Duarte, *admirado* – Temos outra! Esta agora ainda é melhor.

Joaquina, *aparte* – Bravo!... vou dizer a minha ama, e adverti-la...

CENA IX

JOSÉ FÉLIX, DUARTE, BRÁS FERREIRA

José Félix – Sinhórr, eu vem tómarr vóssinhórrie pôr o pequena divertissementemente de... to exchange, querr dizerr, trrócar dois turras de pístol entrre nós ambas amigevolmente.

Duarte, *aparte* – À pistola, c'os diachos!

Brás Ferreira – Pois quê, *milord!* o caso de ontem?...

José Félix – Essa foi muito desagrréavel! E ésto foi por guarrdarr todo o cólerra que me tem causade, que eu guarrdarr meu sombréro – em pórrtuguíz, meu chapello – como ele esteve ontem. (*mostra o chapéu com o fundo dentro*) Vê vóssinhorrie? Oh! eu vem pedirr satisfácxion in forma.

Duarte, *aparte* – Agora é que eu já não entendo. Estou a ver se por acaso... Não fosse eu dizer a verdade?

José Félix – *Oh, yes!* foi um brincadeiro muito má. Eu não impedir vóssinhorrie de atirrar com homem, se faz-lhe prazer, *if you please*; mas é estilo de suo capital gritar primeirra de janela: 'homem vai!' – Eu trazia meu umbella, podia ter abrrido, como faz quando dizem: 'aguó vai!' – que é sempre um grrande peto em Lisbon, este de dizer: 'aguó vai!' – *Oh, yes!* não é aguó, vóssinhorrie... (*sorrindo.*)

Duarte, *aparte* – Irra! Chegou-me a mostarda ao nariz, com o tal engraçado tolo que apostou de mangar comigo: hei-de saber quem ele é. (*alto*) Pois, senhor, uma vez que veio para se bater, havemo-nos bater, e já.

Brás Ferreira – Essa é que é a moderação que tu me dizias?...

CENA X

Ditos e AMÁLIA

Amália, *acudindo* – Oh meu Deus! que é isto?

José Félix, *baixo a Amália* – Separe-nos, ande... (*alto*) Eu não bato a mim.

Duarte – Mas mim bate a ti. Agora o veremos.

Brás Ferreira – E eu mando-te que te cales. Que tal está! Ai que eu!... (*aparte*) E eu que cuidava ao princípio que era uma brincadeira!... e o jogo é a valer. (*a José Félix*) O senhor é o ofendido...

Duarte – Não senhor, o ofendido sou eu.

Brás Ferreira – Tu! tu que o ias matando, aleijando pelo menos!

Duarte – Não é verdade.

José Félix – É verddade.

Brás Ferreira – É verdade sim senhor: a culpa é sua, não há que duvidar.

Duarte – Se meu tio o diz, não tenho remédio eu senão acreditá-lo.

Brás Ferreira – Ora graças a Deus! que confessou a sua culpa, e entrou na razão enfim. Da sua parte, *milord*, espero que desista, que se esqueça...

José Félix – Se o senhórr está muito triste, *very sorry*, se não tinha intenxion...

Brás Ferreira – Não tinha, não.

Duarte – Não tive.

Brás Ferreira – Então vamos! esqueça-se tudo; e em sinal de reconciliação, *milord*, há-de almoçar connosco.

Amália – Ainda bem! respiro.

Duarte, *aparte* – Verdade, verdade, não tenho muito de que me queixar. Ainda eu lhe sou obrigado ao tal maganão que embirrou a fazer-me este serviço. (*alto*) Oh lá! Joaquina, Isidoro! algum de vocês... É preciso mandar arranjar depressa alguma coisa...

Brás Ferreira – Para quê?

Duarte – Pois o senhor almoça connosco...

Brás Ferreira – Almoça: e então? Tu tens almoço em casa para um príncipe. Já te esqueceste?

Duarte – Ah! sim... decerto... Mas talvez um almoço de garfo... sem chá preto... sem manteiga fresca... não será do gosto de *milord*...

José Félix – Eu peço o seu perdão, vóssinhorrie. O meu stomago é cosmopolitana, e entende todos línguas; janta em francês, português... não importa; almoça com *Turquia* se é preciso, e ceia sobre Peru, se vóssinhorrie dá prazer.

CENA XI

Ditos e JOAQUINA

Joaquina – O almoço está na mesa.

Duarte, *espantado* – O almoço!...

Joaquina – Venha cá ver como está bonita a mesa. (*leva-o à porta do fundo*) Garrafas de Champanhe, fruta, pastelão, tudo tão bem posto... hem?

Duarte – Não há dúvida: o almoço ali está. Acabou-se, já me não deixam mentir... é escusado. – Agora posso dizer o que eu quiser. (*alto*) Amália! (*Dá-lhe o braço.*)

Brás Ferreira – *Milord!* (*conduzindo-o para a porta do fundo.* – *Saem todos menos Joaquina.*)

CENA XII

JOAQUINA, só

Pobre rapaz! ficou como pateta! Se ele não está acostumado a isto... Condenado a falar verdade vinte e quatro horas a fio!... Também olhe que nos dá um trabalho! porque mente com um desembaraço e sem a menor consideração... Já se tinha esquecido da peta do almoço. Felizmente que nós estamos prevenidos, e graças ao bolsinho de minha ama e à vizinhança do Manuel Espanhol, em poucos minutos se fez da peta verdade... E José Félix! Não verão o meco sentado à mesa com meus amos como se fosse gente, o pedaço de laçai!... Mas deixem estar que o tratante tem um ar, sabe tomar uns modos, que quem o não conhecer!... Em que ele se deita a perder decerto, é que aquilo é um comilão... O que lhe vale é fazer de inglês... não se repara. – Agora que mais falta? Vejamos. A tal visita de agradecimento ao general Lemos: essa não se pode evitar. Só se... É verdade; o general Lemos que venha cá... como têm vindo os outros. Vou avisar José Félix que se avie de almoçar e nos represente mais esse figurão. Não lhe há-de custar muito... é seu amo. – Ai! que é isto, que quer este senhor?

CENA XIII

JOAQUINA e o GENERAL

General – O senhor Duarte Guedes está aqui, não é assim?

Joaquina – Está sim senhor, foi agora para a mesa almoçar com o senhor Brás Ferreira, seu sogro que está para ser.

General – Um almoço de família, almoço de noivos... Não permita Deus que eu tal perturbe. Esperarei.

Joaquina – Se faz favor de dizer o seu nome.

General – Não é preciso.

Joaquina – Não é para saber... é que se fosse coisa que...

General – É coisa que eu lhe quero dizer só a ele ou a seu sogro.

Joaquina – Como queira.

CENA XIV

BRÁS FERREIRA, GENERAL, JOAQUINA

Brás Ferreira, *de guardanapo na mão, falando para dentro* – Eu venho, *milord*, eu venho: quero ratificar o nosso tratado de aliança com uma garrafa especial do meu Porto, é da fundação da Companhia, trouxe-o eu comigo.

Joaquina, *para o general* – Aqui vem o senhor Brás Ferreira.

Brás Ferreira – O que é isso?

Joaquina – Um senhor que lhe quer falar, ao senhor Brás Ferreira ou a seu genro. (*aparte*) Vamos ensaiar José Félix no novo papel que tem de representar.

CENA XV

GENERAL e BRÁS FERREIRA

General – Creio que é o senhor Brás Ferreira do Porto a quem tenho a honra de falar? Muita satisfação de ver a vossa senhoria em Lisboa. Conheço-o há muito de nome, e quase que posso dizer somos amigos sem nos termos visto. O meu antigo camarada, o coronel Luís Guedes sempre me encarece por tal modo a amizade que lhe tem! Nas suas cartas quase que me não fala de outra coisa senão de seu filho e de vossa senhoria.

Brás Ferreira – Luís Guedes! Então vossa senhoria é...

General – O seu mais antigo e melhor amigo, o general Lemos.

Brás Ferreira – Ah! vossa excelência perdoe, por quem é. Mas porque se incomodou, senhor general? Eu é que devia ir aos seus pés... e hoje mesmo tencionava fazê-lo – para lhe agradecer todas as bondades que tem tido com meu genro... que está para ser.

General – Bondades! eu não sei... decerto não tem nada que me agradecer... mas é sua culpa. Eu ignorava absolutamente...

Brás Ferreira – O quê, general?

General – Que Duarte estivesse em Lisboa.

Brás Ferreira – Que me diz, senhor? Há três meses.

General – Ainda o não vi uma só vez. Antes de ontem recebi eu uma carta de seu pai, que me pareceu um enigma: queixa-se de que o filho não tenha ainda obtido a rebedoria de Santarém que tanta conta lhe fazia... Mas que diacho! quem quer alguma coisa, pede-a. Eu não podia adivinhar, e vinha aqui de propósito ralhar com ele.

Brás Ferreira – Ralhar, tenho eu que ralhar com o tal menino por outras muito piores. Mas como é isto, senhor? Pois Duarte não vai habitualmente a sua casa?

General – Não senhor.

Brás Ferreira – Não digo em Lisboa, mas à sua quinta?

General – A minha quinta? É coisa que não tenho.

Brás Ferreira – Pois não digo quinta... não seja... mas a linda casa que tem da outra banda com uma vista magnífica, um bilhar...

General – Sou tão desastrado que não jogo o bilhar.

Brás Ferreira – Estava visto... Faça ideia, general, que é o sistema de mentiras mais complicado que nunca vi, e combinado de modo que ainda não sei... Mas deixá-lo: vossa excelência está aqui, há-de-me ajudar a confundi-lo... Com toda a certeza não lhe dou minha filha.

General – Por quem é! Eu que vinha com tanto gosto trazer-lhe a minha prenda de casamento...

Brás Ferreira – Não há-de ser meu genro.

General – E a sua palavra?

Brás Ferreira – Retiro-a: e ele não tem direito de se queixar... Avisei-o de que, à primeira mentira em que o apanhasse, tudo estava acabado. Ainda bem que o encontrei, general: vamos a ver com que cara o maldito do rapaz... Oh! ele aí vem: peço-lhe que não diga o seu nome.

General, *aparte* – E esta! Eu que vinha para obsequiar o pobre do rapaz, e a seu pai de quem sou tão amigo!

CENA XVI

Ditos, DUARTE, AMÁLIA, JOAQUINA

Duarte – Ora com efeito! forte companhia fazem os tais senhores! – O senhor meu sogro levanta-se no meio do almoço, e daí a um instante *milord* desaparece à segunda garrafa de Champagne.

Joaquina – Vieram procurá-lo.

Duarte – Não duvido... algum pobre rapaz que se achou em aperto... Que é preciso confessar... o tal sujeito é a criatura mais serviçal... E então sem nenhum interesse! – Diga-me uma coisa, amabilíssimo sogro, que fazemos nós esta manhã?

Brás Ferreira – Eu tinha vontade de sair; mas temos aqui uma visita, um amigo da família...

Duarte – Perdoe... eu não tinha tido o gosto de ver este senhor... É do Porto?

Brás Ferreira – É verdade.

Duarte – Ia jurá-lo... Nós os das províncias do Norte temos um ar de franqueza, um aberto de fisionomia... Se vossa senhoria se demorar em Lisboa, terei muito gosto de o acompanhar, de lhe servir de guia... Não faça cerimónia comigo... sinceramente lho peço... um amigo de meu sogro!...

General – Dou-lhe os parabéns, senhor Brás Ferreira: o seu genro parece um rapaz extremamente amável.

Brás Ferreira, *baixo ao general* – Espere, espere, e depois falará. (*a Duarte*) É preciso que saibas, meu caro amigo, que este senhor vem a Lisboa para negócios que tem na secretaria da guerra, e precisa muito do valimento do general Lemos.

Duarte – Melhor... Dizem que é um homem justo e imparcial; e toda a gente o estima.

Brás Ferreira – Pois sim... mas tu que tens relações de intimidade com ele, não podias pela tua influência?

Duarte – Ah! certamente... terei a honra de lho apresentar. Há-de gostar dele, verá: um homem agradável e que, sem basófia, é meu amigo.

Brás Ferreira, *rindo* – Hem!

General, *baixo a Brás Ferreira* – Até aqui, acho que diz a verdade.

Duarte – E alegre!... Olhe: à mesa me não deixava ele só, como aqui me fizeram. Ainda ontem almoçámos nós juntos em sua casa.

Brás Ferreira e General – Em casa dele?!

Duarte – Sim, juntos, ao pé um do outro.

Brás Ferreira – Então muito mudado está ele de ontem para cá.

Duarte – Porquê?

Brás Ferreira, *apontando para o general* – Porque ele aqui está, e tu não o conheceste.

Duarte, *surpreendido* – O general Lemos!

Joaquina, *aparte* – Estamos perdidos.

Amália – Tudo, tudo está perdido.

Duarte, *tornando a si logo* – O quê! Pois este é o senhor general Lemos? Muito sinto... não tenho a honra de o conhecer.

Brás Ferreira – Não duvido... mas nem por isso deixa de ser ele em pessoa.

Duarte – Há-de-me perdoar, meu tio: eu não digo o contrário; mas não foi com este senhor que eu almocei ontem... a verdade pura é esta. Como isto foi é que eu não sei; mas a não ser que haja outro general Lemos em Lisboa...

General – Em Lisboa do apelido de Lemos nem eu conheço senão meu primo o coronel Francisco de Lemos.

Duarte – Exactamente. Pois foi em casa dele, decerto, que ontem me apresentaram, e provavelmente com ele é que eu almocei.

General – Não teria dúvida nenhuma em o acreditar, se não fosse uma pequena dificuldade: e é que há três meses que está em Inglaterra.

Duarte, *aparte* – Co'a breca! (alto) É que voltaria há pouco, sem se saber... porque ele ontem estava em Lisboa.

Brás Ferreira – Não estava.

Duarte – Estava tal.

Brás Ferreira – Pois bem, rapaz, esqueço-me de tudo... se me provares essa.

CENA XVII

Ditos, um criado, JOSÉ FÉLIX com farda de brigadeiro, etc.

Criado – O senhor Lemos.

José Félix, *afectando desembaraço* – Então que é isto, que é isto?

General – Que vejo! É o meu brejeiro do meu Félix.

José Félix – Ora vivam meus senhores... Adeus, meu Duarte.

Duarte – Oh meu querido protector! Confesso que desta vez já não contava com o seu auxílio... Ainda bem que veio... Vou apresentá-lo a meu sogro e a seu primo.

José Félix, indo para eles com ar chibante, reconhece de repente o general – Santo Deus, meu amo!...

General, *aparte* – E com a minha farda, o maroto!

Brás Ferreira, espantado – Conhecem-se! (*Duarte, Brás Ferreira, José Félix e Amália ficam todos imóveis de admiração.*)

General – Que painel! Enterraram-se todos até ao joelho. Ora vamos a dar-lhes a mão, que eles por si não se levantam. (*para José Félix*) Então senhor meu primo...

Todos – Seu primo!

General – Que espanto é esse? Pois queria esconder de mim a sua volta a Lisboa?

Duarte – O quê? Pois este senhor é seu primo, o coronel Francisco de Lemos que voltou de Inglaterra?

General – Sim senhor. Porquê?... não lhe faz conta?

Duarte – Certamente que faz. – Mas é que isto hoje parece mesmo um acinte... não invento senão verdades. – Pois não é minha culpa, senhor Brás; mas, em consciência, está obrigado a dar-me sua filha.

General – Não há dúvida, senhor Brás Ferreira; é preciso consentir neste casamento. Já não tem mentiras de que o acusar.

Brás Ferreira – Excepto a da recebedoria de Santarém.

General – Aqui está o decreto. É a prenda de casamento que lhe eu trazia.

Amália – Pois é possível!

Duarte – Aposto que é verdade... tudo é verdade hoje. Assim, meu caro sogro, consinta, não há remédio...

Brás Ferreira – Estou certo que me enganaram.

José Félix – E eu também.

General – E eu também... Apesar disso, vamos, consinta...

Brás Ferreira – Que lhe hei-de eu fazer? Ainda que não seja senão por curiosidade e para saber esta adivinhação.

José Félix, *atirando com o chapéu* – Viva! A palavra do senhor Brás Ferreira é letra que não tem desconto. Eu *ritorno al mio mestiere* e ponho aos pés da minha cara Joaquina... o senhor Tomás José Marques... *milord* Coockimbroock, e sobre todos, o seu fiel José Félix, criado particular do excelentíssimo general Lemos.

Duarte – Ó maroto, pois eras tu?

Brás Ferreira – Faz-te de novas.

Duarte – Juro-lhe que eu não sabia nada, e que Nem sequer o conheço...

Brás Ferreira – Continuamos?... Não faltava senão esta que é a mais difícil de engolir!

Amália – E contudo é verdade, meu pai. Eu lhe explicarei como isto foi.

Duarte – Protesto-lhe que hoje foi o último dia da minha vida que me deixei cair neste maldito vício... E nem eu sei como foi; queria-me defender... vinham umas atrás das outras... por fim... não sei... Mas acabou-se: não torno mais a mentir; custa muito, dá muito trabalho. Vi-me em ânsias! Juro que me hei-de emendar... já estou emendado. – José Félix, nunca me hei-de esquecer da lição que me deste, e prometo pagar-ta.

José Félix – Deveras?

Amália, *dando-lhe uma bolsa* – E eu pago-ta já.

José Félix – Melhor ainda. (*apalpando a bolsa*) Isto sim que são verdades puras... e não deixam mentir ninguém.

(*Cai o pano.*)